



ALFABETIZAÇÃO CARTOGRAFICA E PROCESSO FORMATIVO

ROSÂNGELA BASTOS OLIVEIRA

ROSÂNGELA BASTOS OLIVEIRA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Alfabetização Cartográfica e Processo Formativo

Rosângela Bastos Oliveira[1]

Thais Souza dos Santos[2]

RESUMO

Este trabalho aborda sobre a Alfabetização Cartográfica e Processos Formativos dos Professores de Educação Infantil, considerando a escola, enquanto instituição formadora é responsável por uma parte do desenvolvimento humano desde criança até a fase de amadurecimento, onde sua principal função é preparar para vida em sociedade. O processo de Alfabetização Cartográfica acontece durante toda a vida, mas é preciso que na Educação Infantil dê início como prática pedagógica, considerando os estágios de desenvolvimento, principalmente os advindos da teoria piagetiana[3], a qual ressalta a alfabetização como processo constituído das relações humanas com o espaço. Assim, essa proposta visa provocar uma discussão sobre a potencialidade da Alfabetização Cartográfica nos processos formativos com os professores.

Palavras-chaves: Formação de Professores, Alfabetização Cartográfica e Educação Infantil

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição formadora é responsável por uma parte do desenvolvimento humano desde criança até a fase de amadurecimento ou fase da melhor idade, onde sua principal função é preparar para vida em sociedade e para exercício da cidadania. Mais que um espaço de compromisso com a aprendizagem formal, a escola tem como diretriz auxiliar na constituição de sujeitos críticos, reflexivos e criativos.

Dessa forma, faz-se necessário ressaltar a importância das primeiras etapas formativas e elucidar a sua repercussão em todo o processo de escolarização. Ainda uma escola como um espaço educativo de socialização por meio dos seus agentes reconhece a notoriedade desta etapa formativa destaca a formação dos professores como importante aspecto com fins de atender as especificidades do desenvolvimento da criança nas primeiras fases educativas.

De acordo a UNESCO (1990), é necessário que, desde o nascimento, a criança tenha uma interação com o mundo, isto implica tanto na responsabilidade familiar em salvaguardar as crianças através dos cuidados, como de propiciar situações diversas de aprendizagens significativas, proporcionados seja através de estratégias que envolvam as famílias e comunidades, seja por programas institucionais.

A criança inicia as noções básicas das relações espaciais na Educação Infantil, algumas já intrínsecas e presente em seu cotidiano e outras construídas a partir de suas vivências com a aprendizagem formal. Assim, as primeiras noções de espaço surgem como parte natural de sua evolução onde, mesmo involuntariamente, desenvolvem aspectos relacionados aos espaços vivido e percebido, pois a compreensão do espaço concebido chegará um pouco mais tarde.

Dessa forma, a escola tem um importante papel na ampliação do conhecimento, podendo convidar a criança a participar de descobertas, abrindo-lhe oportunidades de refletir, experimentar e formular hipóteses. Para Bomfim (2012), inspirado nas concepções sócio construtivista considera que as significações que os alunos atribuem ao seu meio de vida permitem compreender em que mundo vive e como nele vive. Isto implica em considerar que as representações sociais do espaço seriam pertinentes, a fim de melhorar o ensino/aprendizagem da Alfabetização Cartográfica, pois sua contextualização estimula a criança a pensar e falar do seu cotidiano, gerando nele momentos de reflexão.

Assim, essa proposta visa suscitar e provocar uma discussão sobre a potencialidade da Alfabetização Cartográfica nos processos formativos com os professores da Educação Infantil, pautado na compreensão e leitura do mundo. A partir desse recorte, temos o seguinte questionamento: Qual a relevância da Alfabetização Cartográfica nos processos formativos com professores da Educação infantil?

Dessa forma, por compreender que a alfabetização é processual e contínua, que justificamos a importância dessa proposta e o motivo pelo qual a mesma volta-se para uma perspectiva de Alfabetização Cartográfica, pois é preciso inserir a criança em um processo alfabetizador e fazer valer os estímulos que as levem apreender e perceber o mundo em que estão inseridas.

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA E PROCESSOS FORMATIVOS DOCENTES

No Brasil a Educação Infantil se inicia por volta de 1875 com a criação de asilos infantis, orfanatos e jardins de infância, mas só a partir da Constituição de 1988 que essa etapa educacional é legalizada como direito da criança e dever do Estado, cabendo a este manter e dar uma constante integração e valorização com o cuidar, o educar e o brincar elementos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem infantil. Ao reconhecer a notoriedade desta etapa formativa, destacamos a formação dos professores como um importante aspecto com fins a atender as especificidades do desenvolvimento da criança nas primeiras fases educativas.

A importância da Alfabetização Cartográfica recai sobre a escola na Educação Infantil através da responsabilidade de priorizar um trabalho que valorize os aspectos físico, psicológico, intelectual e social (LDB 9394/96, Artigo 29º), ressaltando a necessidade de um aprendizado paralelo para a constituição do sujeito. O processo de Alfabetização Cartográfica acontece durante toda a vida, mas é preciso que na Educação Infantil dê início como prática pedagógica, considerando os estágios de desenvolvimento, principalmente os advindos da teoria piagetiana[4], a qual ressalta a alfabetização como processo constituído das relações humanas com o espaço.

No que se refere ao ensino fundamental, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 75), sabemos que

(...) é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação à sua faixa etária, ao momento da escolaridade em que se encontram e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Embora o espaço geográfico deva ser o objeto central de estudo, as categorias paisagem, território e lugar devem também ser abordadas, principalmente nos ciclos iniciais, quando se mostram mais acessíveis aos alunos, tendo em vista suas características cognitivas e afetivas. (pg.5)

Ampliando essa ideia para a formação de professor, vale verificar o pensamento de Oliveira (2008, p.492) ao afirmar que:

Introduzir o professor das séries iniciais no contexto de uma formação sólida da linguagem da cartografia pode vir a facilitar o estudo da geografia na escola. Nesse sentido, vemos duas possibilidades: a primeira se concretizaria por meio do estabelecimento de um currículo que contemple espaço de discussão desses temas nos cursos de magistério superior e pedagogia; e por segundo e não menos importante, por meio de um processo dialógico e reflexivo de formação permanente, no qual as professoras pudessem refletir sobre suas práticas e avançar rumo a novas aprendizagens.

Vale destacar, portanto, que os PCNs, referentes às quatro primeiras séries da Educação Fundamental (BRASIL, 1997, p. 81), objetiva que os alunos construam um conjunto de conhecimentos referentes a conceitos, procedimentos e

atitudes relacionados à Geografia, que lhes permitam ser capazes de, dentre outros saberes, saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos.

Visando auxiliar o docente na execução de seu trabalho, os PCNs (*idem*, p.77) propõem que

(...) a paisagem local, o espaço vivido pelos alunos deve ser o objeto de estudo ao longo dos dois primeiros ciclos. Entretanto, não se deve trabalhar do nível local ao mundial hierarquicamente: o espaço vivido pode não ser o real imediato, pois são muitos e variados os lugares com os quais os alunos têm contato e, sobretudo, que são capazes de pensar sobre. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho que deve ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais.

Nesse sentido, os PCNs (BRASIL, 1997, p. 79) vão adiante e acrescentam que o estudo da linguagem cartográfica tem reafirmado sua importância, desde o início da escolaridade, pois contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço.

Os Parâmetros citados (*idem*) tecem uma crítica sobre as formas de se trabalhar com a linguagem cartográfica na escola, citando que as práticas mais usuais acontecem por meio de situações nas quais os alunos são orientados a colorir mapas, copiá-los, escrever os nomes de rios ou cidades ou, ainda, memorizar as informações neles representadas. Desse modo, enfatizam que essas práticas não garantem que os estudantes construam os conhecimentos necessários, tanto para ler mapas como para representar o espaço geográfico.

Para isso, ratificam (BRASIL, 1997, p. 79) que

(...) é preciso partir da idéia de que a linguagem cartográfica é um sistema de símbolos que envolve proporcionalidade, uso de signos ordenados e técnicas de projeção. Também é uma forma de atender a diversas necessidades, das mais cotidianas (chegar a um lugar que não se conhece, entender o trajeto dos mananciais, por exemplo) às mais específicas (como delimitar áreas de plantio, compreender zonas de influência do clima). A escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

Assim, destacamos que as experiências e vivências no espaço tornam-se ponto de partida para um trabalho contextualizado, onde a criança poderá realizar associações entre as informações que já possui e as conquistadas. Isso porque primeiramente a criança mantém contato com os espaços que lhe são familiares, os espaços de sua efetiva ação como ser atuante e modificador dos objetos, inicialmente representados por seus pertences ou simplesmente brinquedos.

As orientações que serão coordenadas pelo professor no espaço das séries iniciais perpassam pelo trabalho de apresentar às crianças, outras formas de reconhecer o mundo. O espaço passa a ser interpretado através da noção de em cima e embaixo, situações do que está perto ou longe, colegas e objetos que estão na frente ou atrás e, ainda, localização à direita ou esquerda. O trabalho do professor na Educação Infantil caminha ainda para instruir a criança às primeiras formas de representação, a começar pelos simples desenhos de suas casas ou caminhos percorridos até a escola.

Nesse sentido, vale destacar a fala de Callai (2000, p.244):

Ao fazer um desenho de um lugar que lhe seja conhecido ou mesmo familiar, ela estará fazendo escolhas e tornando mais rigorosa a sua observação. Poderá, desse modo, dar-se conta de aspectos que não eram percebidos, poderá levantar novas hipóteses para explicar o que existe, poderá fazer críticas e até encontrar soluções para as quais lhe parecia impossível contribuir. A capacidade de o aluno fazer a representação de um determinado espaço significa muito mais do que estar aprendendo geografia: pode ser um exercício que permitirá a construção do seu conhecimento para além da realidade que está sendo representada, e estimula o desenvolvimento da criatividade, o que, de resto, lhe é significativo para a própria vida e não apenas para aprender simplesmente

A lateralidade, por exemplo, pode ser uma das questões mais perceptíveis sobre a dificuldade que muitas pessoas ainda apresentam em sua vida adulta. Essa noção de localização espacial deveria ser começada a trabalhar justamente na Educação Infantil, quando a criança, por não conceber o espaço em sua dimensão maior ou por não apresentar uma organização espacial, opta em brincar ou usar apenas pequenas porções espaciais das que lhe são disponíveis, a partir de atividades simples como, por exemplo, através de dinâmicas corporais.

Sobre as influências da educação cartográfica na vida adulta, podemos citar TUAN (1983, p. 22):

No homem adulto são extremamente complexos os sentimentos e idéias relacionadas com o espaço e lugar. Originam-se das experiências singulares e comuns. No entanto cada pessoa começa como uma criança. Com o tempo, do confuso e pequeno mundo infantil, surge a visão do mundo do adulto, subliminarmente também confusa, mas sustentada pela estrutura das experiências e conhecimento conceitual.

Essas noções são representadas através da própria movimentação da criança (espaço vivido), seja brincando ou simplesmente vivendo o espaço, percebendo as limitações espaciais. Por outras ações, as crianças podem desenvolver questões de reconhecimento do espaço percebido, como por exemplo, as noções de perto/longe, dentro/fora, que caminho seguir para casa/escola ou como chegar à área de recreação. São atividades que, a partir da ludicidade, trabalham a Alfabetização Cartográfica com situações vivenciadas que tornam a aprendizagem mais prazerosa.

As crianças adquirem experiência através do que elas tocam, ouvem e sentem. A partir do contato com o seu próprio corpo ela consegue perceber a si e o que está ao seu redor. Para Almeida e Juliasz:

O adulto tende a estabelecer uma ciência objetiva do universo, mas a criança elabora uma realidade constantemente penetrada pelo seu pensamento, um pensamento marcado pela imaginação. São experiências táteis, as sensações vividas no próprio corpo que motivam os interesses gráficos ou plásticos da criança. Quer usando o dedo, o lápis ou o pincel, com gestos amplos, rápidos ou demorados, a criança deixa a sua marca. Não é só a mão que se movimenta é o corpo todo (...) (2014; pg115)

Na verdade esse processo formativo é pensado não como um curso meramente e sim como um processo de reflexão e discussão dentro da escola, em busca de levar o professor a desejar a participar como um meio de obter informação sobre o tema em questão com a intenção de vivenciar novas experiências em sala de aula.

Nesse pensar, Castrogiovanni (2007, p.29) ressalta que é preciso sustentar a ideia que a alfabetização é um importante processo de pensar e agir sobre o contexto, defendendo que alfabetizar é um todo, ou seja, alfabetiza-se para o mundo, para os números, para os mapas, para a compreensão e operação espacial. Portanto, a Alfabetização Cartográfica deve ocorrer sob os mesmos princípios, em um contexto interdisciplinar e desde as primeiras etapas formativas, na Educação Infantil. Pois, quanto mais cedo refletir sobre o seu espaço social, mais consistente será olhar sobre ele.

Para criança, o conhecimento de mundo se dá por partes e partir do que é mais próximo dele, como a casa, a escola, a rua onde mora, mas isso vai ampliando aos poucos e, por consequência, sua percepção espacial aumenta. Como ressaltado, a cartografia faz parte do cotidiano das crianças, seja no percurso que ele faz de casa para escola, da escola para casa, nas brincadeiras infantis por meio de jogos que permeiam mapas, cartas e globo terrestre; nas viagens de férias, entre outros. Porém, esta utilização é despreziosa sem o amparo de saberes escolares que poderiam permiti-las avançar nas séries posteriores.

Essas ideias encontram implícitos nas ideias de Bomfim, (2012, p.40) quando destaca que:

[...] ora, se os alunos exercem suas práticas sociais no espaço vivido que percebem através de perspectivas representativas, mais ou menos ricas, parece-nos que a utilização dessas perspectivas, no ensino/aprendizagem da Geografia, seria um elemento essencial de sucesso escolar e de integração social. Assim, a riqueza das representações sociais do espaço pode oferecer possibilidades de construção de uma aprendizagem significativa e, por conseguinte, ajudar a construção da cidadania

Nesta perspectiva, reportamo-nos à formação dos educadores, principalmente a dos pedagogos, no que se refere ao ensino cartografia. Enquanto educadoras, podemos reconhecer fragilizações da formação docente, assim como as inquietações apontadas por alguns autores sobre a ideia de interdisciplinaridade, a qual relaciona-se, apenas, na maioria das vezes, ao ensino da língua portuguesa e da matemática.

A contextualização da Alfabetização Cartográfica visa estimular a criança a pensar e a falar do seu cotidiano, gerando nele momentos de reflexão. Nota-se que a criança apresenta durante todo tempo as representações que estão imbricadas nela. A Educação Infantil exige que o professor esteja atento às contribuições que as crianças dão através de suas vivências. Diante disso o processo alfabético por ser contínuo e específico para cada criança deve ser levado em consideração o que torna mais fácil a contextualização da Alfabetização Cartográfica.

Na opinião de Freitas (1992, p.12), a formação do educador no Brasil acontece de forma precária e desarticulada, pois existe uma desarticulação entre teoria e prática, impactando diretamente na dinâmica da sala de aula. Ou seja, os educadores da Educação Infantil não adquirem conhecimento cartográfico em sua formação e usa a suposição,

experiências e vivências, como bases para desenvolvimento de suas práticas.

Nesse contexto, faz-se imprescindível citar que Masetto (1994 p. 96) destaca algumas características necessárias à formação docente:

[...] inquietação, curiosidade e pesquisa. O conhecimento não está acabado; exploração de "seu" saber provindo da experiência através da pesquisa e reflexão sobre a mesma; domínio de área específica e percepção do lugar desse conhecimento específico num ambiente mais geral; superação da fragmentação do conhecimento em direção ao holismo, ao inter-relacionamento dos saberes, a interdisciplinaridade; identificação, exploração e respeito aos novos espaços de conhecimento (telemática); domínio, valorização e uso dos novos recursos de acesso ao conhecimento (informática); abertura para uma formação continuada.

Para ampliar o conceito exposto, acrescentamos o pensamento de Capanema (2004) quando afirma que quando se educa jovens mais criativos, se ensina a construção de personalidades genuinamente livres, saudáveis e autênticas. Acrescenta, ainda, que o ser humano é um projeto em movimento, o que implica acreditar que a realidade é móvel e necessária para que a relação homem-mundo se efetive na interação e na interdependência, á que um atua sobre o outro, processando as transformações necessárias no tempo e espaço concretos.

Dessa forma, ratificamos a fala de Callai (2000, p.245) e pensamos que

(...) As habilidades podem ser simplesmente exercitadas, procurando se alcançar o seu domínio. Mas o que nos interessa não é simplesmente ter domínios, que o capacitem a viver no mundo, é claro, mas poder, por meio dessa exercitação, dar conta de aprender a ler e viver o mundo. Aprender a pensar e reconhecer o espaço vivido. Não simplesmente como espaço que pode ser neutro, o estranho a si próprio, mas pensar um espaço no sentido de se apropriar das capacidades que lhe permitirão compreender o mundo, reconhecer a sua força, e a força do lugar em que vive. Aprender para viver, mas aprendendo a buscar a transformação capaz de tornar o espaço mais justo, pelo acesso aos bens do mundo e da vida. Aprender a construir a sua cidadania.

Portanto, faz-se imprescindível que a formação docente, principalmente aquela voltada para a educação infantil, contemple a formação de cidadãos atuantes na sociedade e na construção do espaço através da educação cartográfica. Esses conhecimentos são essenciais para que as pessoas adquiram conhecimento necessário para a vida e, conseqüentemente, para uma leitura crítica e ativa do mundo.

CONSIDERAÇÕES

Entendemos que durante a infância são construídas noções espaciais e processos cognitivos basilares à formação do sujeito. Desta forma, ratificamos que as experiências e vivências da criança no espaço é o ponto de partida para o ato de educar, uma vez que quando feito um trabalho contextualizado, a criança poderá refletir a partir do que viu, ouviu e aprendeu. Dessa forma, a Educação Infantil é fase de extrema importância para o desenvolvimento das habilidades provenientes da Alfabetização Cartográfica visto que, com o crescimento, as noções de espaço passam a ganhar novas dimensões. A constituição e êxito para compreensão do espaço exterior, enquanto adulto, será formulada a partir de questões apreendidas na fase da Alfabetização Cartográfica, tendo a noção de alteridade como um simples exemplo.

Dessa forma, é preciso promover um ensino de cartografia na Educação Infantil para proporcionar as crianças o conhecimento da rua onde mora e da rua onde fica a sua escola, poder perceber diferenças e semelhanças entre elas, poder observá-las no seu dia a dia e assim ir construindo um poder mais consistente da percepção do espaço onde vive. Assim, Alfabetização Cartográfica é tão importante quanto a aprendizagem da escrita e da matemática, pois a mesma contribui para que os alunos possam ter definidos e fundamentados a representação de espaço em que vive, pois é através do espaço cotidiano e da reflexão que a criança poderá entender um pouco da dinâmica do espaço organizado fora do ambiente escolar.

A partir das mudanças que a sociedade vem apresentando através do uso da internet, a linguagem cartográfica tem sofrido modificações no intuito de nos aproximar de conceitos cartográficos importantes para relação do homem com o espaço geográfico. Aproveitamos para destacar a importância do uso da internet como mais um potencial que pode agregar sentido nesse contexto, possibilitando que pessoas de diferentes faixas etárias possam obter avanços no processo cartográfico, que é gradual e contínuo.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Rosângela Doin; JULIASZ, Paula C. Strina, **Espaço e Tempo na Educação Infantil**. Editora Contexto, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Idéias Et Letras, 2006. p. 93-121.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Ensino de primeira à quarta série. I. Título. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 71-110.

BOMFIM, Natanael Reis; ROCHA, Lurdes Bertol (Orgs.). **As Representações na Geografia**. Ilhéus/BA: Editus, 2012, p.40.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. pp.83-92.

CAPANEMA, C. de F. Gênese das Mudanças nas políticas públicas e na gestão da educação básica. In: BITTAR, M; OLIVEIRA, J. Ferreira de (Org.) **Gestão e políticas da educação**. Rio de Janeiro: D&PA, 2004.

COSTELLA, Roselane Zordan; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos – Alfabetização Espacial**. Editora – Edipucrs, 2007, p.29.

FREITAS, Luis Carlos, 1992, p.12. **Fonte:** Swyngedouw (1986). Extraído da internet em 20/10/2014. <https://periodicos.ufsc.br>

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. Psicogêneses da Língua Escrita, Ed. Artmed. 1997.

HETKOWSKI, Tânia Maria; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva; SOUZA, RAFAELA, Santos de. **As Geotecnologias e o Moodle: um Estudo de Caso sobre Educação Cartográfica**. 2010, pg 02.

BONETI, Lindomar Wessler; NIZAN, Pereira; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Inclusão Sociodigital: da Teoria à Prática**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010. p. 62-76.

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, volume – 3, **Conhecimento de Mundo**, pg.183 e 184).

MASETTO, Marcos Tarciso. Pós-Graduação e formação de Professores para o 3º Grau. São Paulo: 1994.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. **Geografia e Cartografia escolar: o que sabem e como ensinam professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental?** Educação e Pesquisa, vol. 34, n. 3, 2008. pp.481-494.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

[1] Pedagoga, pela Universidade Católica do Salvador. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Mestranda do Programa de Mestrado profissional em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: robastocal73@hotmail.com.

[2] Licenciada em Letras Vernáculas, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB. E-mail: thaisza12@gmail.com.

[3] Sensório motor; Pré-operacional; Operacional Concreto e Operacional forma.

[4] Sensório motor; Pré-operacional; Operacional Concreto e Operacional forma.

Recebido em: 18/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: